

NARRATIVAS GRÁFICAS DE CRIANÇAS COM PROBLEMAS MENTAIS SOBRE UMA FAMÍLIA

ESPER, Marcos Venício¹

RESUMO

A criança se expressa de maneira pluralizada, de maneira verbal e não-verbal, onde os desenhos assumem, em especial, um método adequado de interpretação. Vários pesquisadores dedicaram ao estudo do desenho infantil, entretanto, é incipiente temas específicos para a interpretação de desenhos de crianças com problemas mentais ou deficiências múltiplas. Através das narrativas gráficas pretendeu-se focar na compreensão do olhar da criança e a família. Os desenhos das crianças são parte da oficina *Café & Prosa*, realizada numa escola de atendimento especializado. Obtiveram-se, através da interpretação das narrativas gráficas, temas sobre a presença e ausência da mãe ou do pai; a substituição do pai por avós, tios, namorados da mãe; animais de estimativa. Todos os desenhos apresentados foram confeccionados por crianças com algum problema de ordem mental ou deficiência em seu desenvolvimento e em fases distintas. É fato que as crianças, sejam "normais" ou portadoras de algum transtorno ou deficiência, conseguem expressar e narrar, graficamente, suas histórias e seus contextos particulares. Criar narrativas gráficas poetiza o dia a dia, ressignificam as atividades diárias, incorporam novos significados e sentidos para a vida.

PALAVRAS-CHAVE: criança, transtornos mentais, deficiência intelectual, desenhos, família.

GRAPHIC NARRATIVES OF CHILDREN WITH MENTAL PROBLEMS ABOUT A FAMILY

ABSTRACT

The child expresses himself in a pluralized, in a verbal and non-verbal way, where the drawings assume, in particular, an adequate method of interpretation. Several researchers dedicated to the study of children's design, however, is incipient specific themes for the interpretation of drawings of children with mental problems or multiple disabilities. Through the graphic narratives it was intended to focus on the understanding of the child's and family's gaze. The drawings of the children are part of the *Café & Prosa* workshop, held in a specialized service school. Through the interpretation of graphic narratives, themes about the presence and absence of the mother or father were obtained; the replacement of the father by grandparents, uncles, mother's boyfriends; Pets. All drawings presented were made by children with some mental problem or deficiency in their development and at different stages. It is a fact that children, being "normal" or carrying some disorder or disability, can express and narrate, graphically, their stories and their particular contexts. To create graphical narratives poetizes the day to day, resignify the daily activities, incorporate new meanings for the life.

KEYWORDS: child.mental disorder.intellectual disability.drawings.family.

1. INTRODUÇÃO

A criança consegue entender e interpretar seu contexto de vida em diferentes eventos. A voz da criança é compreendida como revelação dos sentimentos, das percepções, das representações sociais; as crianças projetam em suas interpretações e leituras de mundo através de imagens e formas conceituais, que são relevantes para a reflexão e o conhecimento do mundo privado e familiar.

A família é o primeiro universo de relações sociais da criança, podendo oportunizar um ambiente de crescimento e desenvolvimento, especialmente em se tratando das crianças com problemas mentais ou deficiência intelectual. Há muitas variáveis que podem afetar o

¹ Mestre em Ciências da Saúde. E-mail: marcos.esper@uemg.br

desenvolvimento da criança. Para Zamberlan e Biasoli-Alves (1996), os fatores macrosistêmicos e microsistêmicos devem ser considerados. O primeiro corresponde à renda familiar, grau de instrução dos pais e profissão, e o segundo fator, qualidade das interações e relações entre os membros familiares e pessoas próximas, em especial no tocante às práticas psicossociais de cuidados implementadas nesses contextos, somam-se na promoção de um desenvolvimento adequado e saudável da criança.

Os desenhos das crianças apresentados nesse trabalho são parte da oficina *Café & Prosa*, realizada numa escola de atendimento especializado da cidade de Passos/MG. O projeto teve como principal objetivo criar espaços de fala, escuta e reflexões acerca da família e a criança com problemas mentais ou deficiência intelectual.

O desenvolvimento do projeto envolve diretamente a participação dos pais de criança em processo de diagnóstico ou diagnosticado com algum problema mental ou deficiência intelectual. Ele visa dar resposta a um, dentre vários problemas identificados no processo de diagnóstico de questões mentais de uma criança que traz repercussões emocionais, sociais e econômicas para todos os membros da família. Em seu processo de aceitação e adaptação, pais e mães lidam com a nova condição do filho de maneira diferenciada, em ritmos e percursos diversos, sem estar alheios aos papéis e estereótipos relacionados com as diferenças de gênero.

Assim, as interpretações da família, foco desse trabalho, feita pelas crianças aumentam possibilidades de interpretação e reflexão.

2. REVISÃO DE LITERATURA

A criança se expressa de maneira pluralizada, de maneira verbal e não-verbal, onde os desenhos assumem, em especial, um método adequado de interpretação. Sarmento (2017) propõe analisar e interpretar os desenhos enquanto narrativas gráficas. Tal conceito não é importante somente porque revela que os desenhos das crianças narram uma história, mas pelo fato de ser resultado da imaginação transformadora do real que a criança significa através de linhas ou de cores que expressa e inscreve no papel, em telas, etc.

Portanto, um simples desenho passa a ser uma linguagem, um código de grande potencial expressivo e comunicacional. Para Sarmento (2017): “As metodologias visuais nos estudos da criança encontram no conceito de narrativa gráfica um importante recurso, na medida em que ele favorece a hermenêutica das formas culturais de constituição das crianças como sujeitos de cultura e atores sociais (SARMENTO, 2017, p 5).

Apesar das narrativas gráficas serem sempre acompanhadas de processos de verbalização, a comunicação e expressividade das crianças não depende da verbalização e a interpretação dos desenhos infantis, quando organizadas as condições subjetivas e objetivas da produção, pode ser feita, com controle dos riscos de ambiguidade, na hipótese de que qualquer ação de expressão e comunicação é pluralizada e, portanto, passível de várias interpretações (SARMENTO; TREVISAN, 2017).

Entende-se que interpretar a expressividade das crianças sobre uma família através de desenhos contribuirá para um olhar voltado, especificamente, para a percepção infantil e menos enviesado pelo olhar adulto.

Quanto à interpretação e veracidade dos discursos, Caetano (2017) sublinha:

A interpretação das narrativas gráficas deve considerar o contexto social de emergência, os sentidos explícitos, os elementos formais e suas gramáticas (códigos de cores, figuras, traços identitários etc.), mas também o que é apenas sugerido. Há uma inerente ambiguidade, própria da linguagem plástica, que tem elementos evocativos e não se reduzem à transposição mimética de formas da realidade. A impossibilidade de um “discurso da verdade” sobre os desenhos infantis não inibe as possibilidades explicativas, que se devem articular continuamente com outros dados de investigação, numa perspetiva de triangulação (CAETANO, 2017, p. 7-8).

Neste texto, analisaram-se apenas os desenhos feitos pelas crianças, onde foi pedido para desenhar “uma família”. Optou-se por usar o termo “uma família” e não “sua família” / “minha família” para que a criança não se sentisse pressionada e dispor de liberdade e autonomia para desvelar sua verdade e seus sentimentos.

Segundo Marcelli e Cohen (2010) é incontestável que a família exerce um papel muito importante na vida da criança, tanto no desenvolvimento saudável, quanto no aparecimento das psicopatologias.

Nesse trabalho focou-se no olhar da criança e o significado que ela atribui à família. Compreende-se que as narrativas gráficas contribuem para reflexões e discussões acerca da interrelação da criança na escola, no ciclo de amigos, na família.

A intenção desse trabalho não foi realizar um estudo profundo sobre a família, mas apresentar a partir das narrativas gráficas, as famílias de crianças com transtornos, síndromes, deficiências etc., conhecer os sujeitos com os quais convivem.

3. METODOLOGIA

Durante a atividade *Prosa & Café* proposta na instituição, juntamente aos pais, as crianças foram convidadas a fazer um desenho sobre a família. Conforme aprovação da instituição, no trabalho de cada criança não foi identificado nome da criança, dos pais, do professor ou da sala.

Interpretar um desenho infantil é um motivo de preocupação para alguns autores. Lowenfeld (1977), sugere que os adultos ofereçam um ambiente externo tranquilo, que não ofereçam outros desenhos para servir de modelo, ou qualquer outro tipo de figura que possa ser copiada. Por isso, um ambiente isento de influências propicia expressões livres e narrativas gráficas totalmente espontâneas.

Ao escolher apenas os filhos dos pais participantes e presentes no evento *Prosa & Café*, deveu-se pelo fato de escolher o estudo de caso como percurso metodológico, pois seria possível trazer reflexões e discussões do todo e não unicamente do caso estudado.

[...] metodologicamente isso implica, por um lado, complementar a informação de campo com informação relativa a outras ordens sociais, (por exemplo, a estrutura política e educacional do país), e por outro lado, buscar interpretações e explicações a partir de elementos externos à situação particular. Deste modo, não se realizam estudos de casos, mas estudos sobre casos (EXPELETA e ROCKWELL, 1989, p. 47)

Não se deve perder de vista a articulação entre o particular e o geral. As expressões advindas das narrativas gráficas das crianças são complementadas com outros segmentos da vida social como características do bairro onde moram, brincam, estudam; características dos pais, avós, irmãos. O mundo vivido sendo conhecido (GOBBI, 1997).

Participantes: Alunos de uma escola de atendimento especializado foram convidados através de suas respectivas professoras para fazer um desenho livre sobre sua família. Como critério de inclusão, optou-se por crianças até 12 anos e que estivesse matriculada regularmente na instituição. Como critério de exclusão foram crianças incapacitadas de expressão com lápis e papel.

Instrumento: Para acessar as concepções de família das crianças utilizou-se a representação gráfica no formato de desenhos das crianças sobre o que, na sua percepção, representava a família.

Procedimentos de coleta de dados: Após contato com a Escola, a concordância da mesma em permitir a pesquisa e a indicação das salas de aula para a atividade de desenho. O fato de não apresentar qualquer informação pessoal da criança, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o termo de Assentimento foram dispensados.

Procedimentos de Análise dos dados: Os desenhos produzidos pelas crianças foram tratados a partir de análise para identificar desenhos com conteúdos próximos. Após a identificação do conteúdo, eles foram agrupados em categorias de acordo com a proximidade dos conteúdos expressos nos desenhos.

Para ajuizar se as categorias elaboradas estavam adequadas às representações e significados ofertados pelas crianças sobre a família.

4. ANÁLISES E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ao buscar um referencial teórico que apoiasse os objetivos desse trabalho e respondesse alguns questionamentos que despontavam no processo da pesquisa, percebeu-se incipiente sobre o tema e que sustentasse a criança “com transtornos, síndromes, etc.” como sujeito falante, informante e participante.

As crianças expressam em desenhos seus sentimentos, seu contexto, porém devem ser considerados, apenas, como uma ferramenta de auxílio e não como determinação de diagnósticos, por exemplo.

É necessário encontrar novas formas de convivência familiar em nossa sociedade atual. Se, de um lado, exigências sociais divulgam a figura de um pai provedor, de outro, as famílias buscam se organizar, trazendo o pai para o exercício do afeto e do cuidado. Emerge então uma nova figura paterna, não mais estruturada somente como provedor econômico (GOMES, 2004).

As mulheres, cada vez mais, estão ingressando no mercado de trabalho e conquistando independência econômica, e assim ocorrem novos arranjos e novas configurações familiares, com significativa mudança nas relações entre homens e mulheres, como a separação entre papéis conjugais e papéis parentais (BORSA, 2017).

Martins (1992) já sinalizava que a infância não se encontra dentre as fontes eleitas como respeitáveis. Ou seja, as crianças aparecem como os mudos da História e, portanto, não ouvidas como participantes e informantes suficientemente capazes de descrever seu mundo imaginado ou vivido.

4.1 AS NARRATIVAS GRÁFICAS

A criança usa o desenho como um jogo e faz rabiscos aleatórios, sem um significado preciso ou lógico e, após, passa a reconhecer nesses rabiscos desordenados algumas formas. Essas formas são consideradas como imitações da realidade: a criança desenha não o que vê no objeto, mas o que significa dele, o conceito que faz dele.

Figura 1



Fonte: Dados da Pesquisa

O desenho representa a primeira escrita e atividade lúdica da criança. A ação de rabiscar acontece quando a criança observa um adulto escrever ou desenhar e tenta imitá-lo, não para fazer igual o que o adulto fez, mas sim para fazer como o adulto fez. Essa intenção de rabiscar começa por volta dos 12 meses de vida e estende-se até os quatro anos de idade, onde a criança transita no estágio da garatuja que se divide em quatro fases: desordenada, longitudinal, circular e esquematismo (ARNHEIN, 1984).

Vários pesquisadores dedicaram ao estudo do desenho infantil: Piaget (1977); Luquet (1975); Mèredieu (1974); Di Leo (1991), dentre outros. Entretanto, há incipiente para a interpretação de desenhos de crianças com problemas mentais ou deficiências múltiplas.

Comumente, o campo da Psicologia é referência básica para análise dos desenhos infantis, Arfouilloux (1976) considera o desenho infantil como uma das linguagens primordiais para o desenvolvimento de pesquisas com crianças, sobretudo as que ainda não falam de maneira articulada num processo de entrevista. O desenho é apresentado como preenchedor das lacunas deixadas e revelador de formas de ver o mundo das crianças. Segundo esse autor: “Ele é um traço, um testemunho (...) É como uma janela aberta para uma terra incógnita, um continente perdido onde moramos há muito tempo e que é o domínio de seres muito enigmáticos: as crianças” (ARFOUILLOUX, p. 12, 1976).

Na figura 2, abaixo, percebe-se a delimitação e divisão familiar, cujo desenho expresso em forma de rabiscos, não aparenta ter peso ou tensão. Para essa fase de desenho, analisada em crianças “normais”, chama-se garatuja desordenada, caracterizada pela experiência cinestésica - conjunto de sensações pelas quais se percebem os movimentos musculares (MAIO, 2013).

Figura 2



Fonte: Dados da Pesquisa

4.2 PRESENÇA DO PAI

Figura 3



Fonte: Dados da Pesquisa

A família é uma instituição que há tempos, e na maioria das sociedades que conhecemos, é a provedora de satisfações de necessidades básicas e que também exerce grande influência na constituição dos indivíduos. Existem maneiras distintas de se definir o que é uma família. Para Soifer (1982) o objetivo primordial da família é a defesa da vida, e a define como sendo:

[...] um núcleo de pessoas que convivem em determinado lugar, durante um lapso de tempo mais ou menos longo e que se acham unidas (ou não) por laços consangüíneos. Este núcleo, por seu turno, se acha relacionado com a sociedade, que lhe impõe uma cultura e ideologia particulares, bem como recebe dele influências específicas (p.22).

Para Lévi-Strauss, a família:

[...] serve para designar um grupo social que possui pelo menos, três características: 1) Tem a sua origem no casamento. 2) É formado por marido, esposa e filhos (as) nascidos do casamento, ainda que seja concebível que outros parentes encontrem o seu lugar junto ao grupo nuclear. 3) Os membros da família estão unidos por laços legais, direitos e obrigações económicas, religiosas e de outro tipo e uma rede precisa de direitos e proibições sexuais além dum quantidade variável e diversificada de sentimentos psicológicos tais como amor, afeto, respeito, temor, etc. (STRAUSS, 1980, p. 16).

Entretanto, faz-se necessário trazer reflexões sobre as novas configurações familiares na atualidade. Entende-se que existem inúmeras maneiras de organização familiar, e a família assume um importante papel no cuidado à criança com problemas mentais ou deficiência intelectual, em especial na ressocialização, pois elas precisam de cuidados especiais devido a comprometimentos de ordem emocional, psíquica e cognitiva.

Cabe à escola (profissionais da saúde e educação) oferecer apoio e suporte aos familiares para manutenção e fortalecimento dos vínculos familiares.

4.3 AUSÊNCIA E SUBSTITUIÇÃO DO PAI

Figura 4



Fonte: Dados da Pesquisa

A família dos tempos atuais é diferente da família nuclear, geralmente sustentada pelo homem, sendo a mulher parte do sustento do grupo familiar. As famílias se expressam de distintas maneiras, onde muitas vezes a figura paterna passa como imagem ao estado e, as configurações dos relacionamentos mudam; as famílias mono parentais são sustentadas pela mulher; passam a existir as famílias de pais separados com a guarda compartilhada dos filhos; temos a imagem do pai avô e da mãe avó, onde os papéis da guarda da prole ficam a cargo dos avós, enquanto os pais trabalham e os

papéis mostram-se indefinidos, não havendo clareza sobre o papel de cada um na dinâmica familiar (AQUINO, 2017).

Na figura 4.1 a criança replica a fala da mãe: “não sou casada e meus filhos não mantém contato com o pai”. Na figura 4.2 a criança representa o pai de maneira diminuída e, a mãe, é representada de maneira oposta – no centro e tamanho engrandecido.

A ausência do pai pode trazer substituições também relatadas pelas crianças através de avós, tios, primos, namorados e animais domésticos, conforme relato na figura 5.

Não basta ser pai, tem que participar. Essa é uma frase bastante conhecida, e as dificuldades para torná-la realidade também. A rotina do dia a dia ou a maneira como a estrutura familiar se organiza exige que os pais encarem como desafio o que deveria ser uma obrigação: tornar-se presente na vida dos filhos, em especial com filhos portadores de algum problema mental. A ausência do pai pode se transformar em culpa e gerar mais dificuldades, onde se destaca o impedimento da evolução emocional, escolar e social da criança.

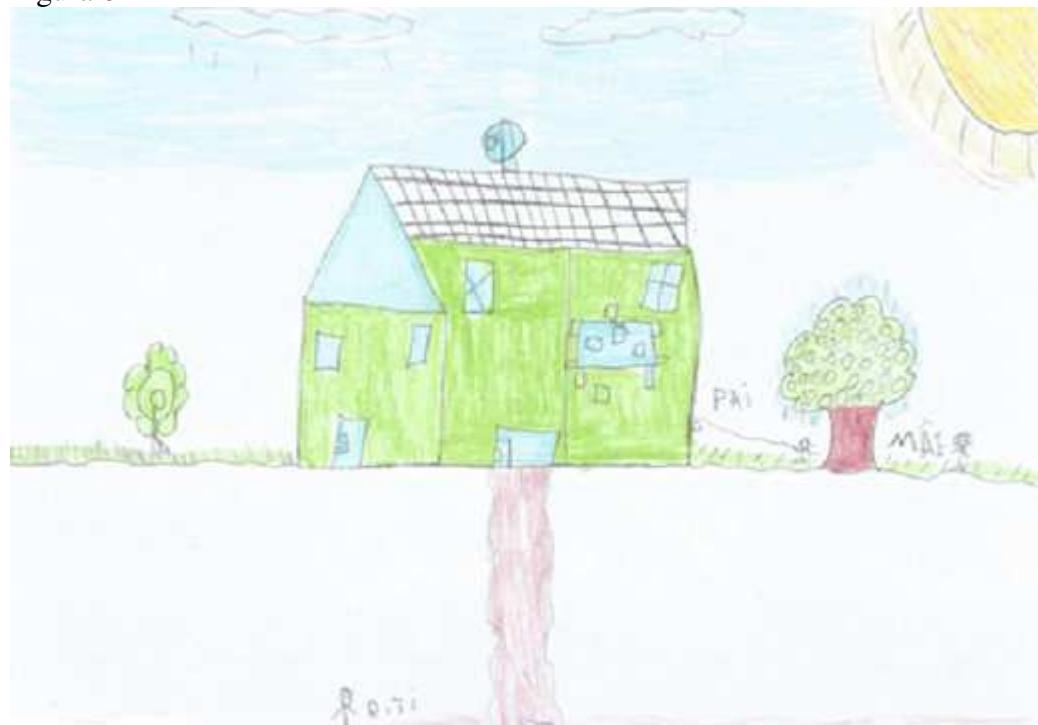
Figura 5



Fonte: Dados da Pesquisa

Na figura abaixo (figura 6), mesmo colorida e harmoniosa, infere-se o quanto a criança sente-se distante do pai, da mãe e da casa. O desenho revela especificidades da vida familiar, afetiva e emocional da criança, tornando extremamente relevante o processo de descoberta das dificuldades e traumas. Basta uma observação reflexiva e minuciosa das características do desenho e os profissionais, de educação e saúde, poderão ajudá-la com mais assertividade.

Figura 6



Fonte: Dados da Pesquisa

Sabe-se que as narrativas gráficas são formas de expressão, de pensamentos e de sentimentos primitivas. Os desenhos e a comunicação não verbalizada são pertinentes e adequadas para as crianças expressarem e elaborarem processos internos daquilo que pode ser complexo de expressar verbalmente.

Alguns autores delimitam as produções de narrativas gráficas em diferentes fases:

É bom ressaltar que a evolução do desenho de uma criança está intrinsecamente ligada ao desenvolvimento da escrita e da linguagem. É nesta fase que a criança começa a fazer uma “escrita”, tentando imitar a do adulto. Uma espécie de zig-zag fininho ou linhas combinadas com bolinhas (BARCELLOS, 2003, p. 2).

Geralmente, a criança começa a desenhar por volta dos dois anos. Nesse período está aberta a experiências, não tem medo de se arriscar, pois o seu corpo é ação e pensamento: ela pode tocar, cheirar, pensar e experimentar com o corpo (COLETO, 2010, p. 139).

Independentemente do meio em que vive, do seu temperamento e sua sensibilidade, todas as crianças passam pelos mesmos estágios e etapas do desenho. Ela começa a rabiscar, depois passa a desenhar objetos e pessoas, indo em direção a uma representação cada vez mais próxima do real para só então começarem a aparecer características do meio sócio-cultural em que vive bolinhas (BARCELLOS, 2003, p. 2).

Ao pensar em “fases” e “estágios” da criança parece não seguir a mesma lógica para crianças com problemas mentais ou deficiência intelectual. É fato que as crianças, sejam “normais” ou portadoras de algum transtorno ou deficiência, conseguem expressar e narrar, graficamente, suas histórias e seus contextos particulares. Todos os desenhos apresentados nesse trabalho foram

confeccionados por crianças que apresentam algum atraso ou deficiência em seu desenvolvimento e em fases totalmente distintas.

Os desenhos foram realizados com material elencado por cada criança. Com ajuda dos profissionais da educação e saúde da instituição, as crianças foram convidadas para desenhar sobre uma família. A liberdade de expressar como quisesse foi propositada, uma vez que o objetivo era observar o conceito de família na vida da criança.

Salienta-se sobre a relevância dos vínculos familiares como aspecto benéfico para o processo de desenvolvimento saudável. A família, como primeiro sistema (microssistema) no processo do desenvolvimento, é favorável e determinante para inter-relações salubres e significativas. Bronfenbrenner (1996), afirma que é importante que essas primeiras relações sejam de reciprocidade, trocas e afeto, contribuindo para autonomia e suporte emocional. Assim, a criança desenvolve sua auto-imagem e reconhece-se como ator social a partir das relações interpessoais entendidas como significativas (DE ANTONI, KOLLER 2000)

É necessário que o desenvolvimento de habilidades em crianças com problemas mentais sejam abordados de forma mais específica, buscando-se identificar os moderadores e mediadores deste processo. Esta compreensão oportuniza uma melhoria na atuação terapêutica dos diversos profissionais de saúde e educação, a orientação aos familiares que convivem diariamente com as limitações destas crianças e o ensino de novos profissionais. Tais esforços devem ser estimulados em todos os segmentos na comunidade escolar, fornecendo subsídios para fundamentar estratégias terapêuticas e educacionais.

Entende-se que a atenção específica para crianças com transtornos mentais, síndromes, deficiências – que se nominou nesse trabalho como “problemas mentais” são cada vez mais necessários e urgentes. É extremamente importante que essas crianças tenham assistência adequada, fato que Ximenes (2009), traduz como algo preocupante, pois nem sempre profissionais da saúde identificam precocemente problemas de saúde mental na infância e, tendo também, deficiências na formação profissional.

Destaca-se, nesse sentido, um desafio teórico-conceitual, bem como clínico sobre o que vem a ser deficiência mental ou transtorno mental:

[...] deficiência mental e/ou transtorno mental não é dada a priori, de modo que pode oscilar em função do alcance que se pretende ter e da intenção com a qual se pretende fazer uso de um ou outro termo e nas muitas maneiras pelas quais a deficiência mental e/ou o transtorno mental podem incidir sobre crianças e adolescentes e suas famílias e serem por estes apropriados e vivenciados (RIZZINI, 2011, p. 49).

Somada às questões profissionais de saúde e educação é condição sine qua non olhar a família. Esse grupo (primário) sofre mudanças e transformações continuadas e, não obstante, é o local onde a criança está imersa, vive e desenvolve experiências e habilidades, somadas às da escola, que servirão de sustento em vários segmentos da vida. Portanto, olhar para os membros de cada família para que tenham atuação ativa e participativa em todo processo específico da criança, oferece, de um lado, a informação e orientação nas inter-relações e afetos, e, por outro lado, o reconhecimento e fortalecimento de suas experiências e seus saberes acerca da criança e sua singularidade.

Segundo Cerqueira-Silva et al. (2012), há uma tendência das famílias em se posicionar de maneira subalterna, à espera de respostas prontas, de receitas a serem seguidas relacionadas às atitudes diante de suas crianças. Entende-se que cabe aos profissionais da educação e da saúde motivar concepções e convicções mais críticas e menos centralizadas nas instituições, promovendo, juntamente aos membros do grupo familiar, competências, habilidades e resiliência diante dos processos de saúde-doença mental na infância.

O estigma presente nos tempos atuais ainda usa termos como doentes mentais, portadores de necessidades especiais, “criança com probleminha”, síndromes, transtornos, etc. como rótulos inseparáveis à exclusão e à anormalidade, mesmo quando tais vozes advêm de grupos sociais variados e até com grau superior de escolaridade. Torna-se, portanto, fomentar reflexões sobre a saúde mental na infância em variados contextos para diminuição de preconceitos existentes contra crianças-atores sociais, desde o contexto familiar aos espaços acadêmicos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os problemas mentais na infância podem trazer algumas limitações no funcionamento mental e no desempenho de algumas atividades da criança. Ou seja, o funcionamento global é inferior à média, junto a limitações associadas em duas ou mais habilidades adaptativas como comunicação, cuidado pessoal e de relacionamento / habilidades sociais, etc.

Portanto, limitações podem provocar lentidão e atraso na aprendizagem, no desenvolvimento “socialmente” aceito e medido por conceitos e medidas padrões sem, necessariamente, retirar as habilidades e competências de cada criança dentro de seu contexto específico.

A criança portadora de algum problema mental, deficiência intelectual em sua comunicação e expressão, através do desenho, consegue criar e recriar formas de manifestar e comunicar seu mundo interno com o externo sem estar presa a normas, regras, obstáculos ou preocupações estéticas e sociais.

Apesar do avanço das tecnologias de informação e comunicação os desenhos e as narrativas gráficas continuarão sendo uma importante ferramenta para a expressividade da criança, portanto aprofundar estudos com essa população e buscar variáveis, como crianças que não se comunicam (espectro autista), crianças com movimentos comprometidos, torna-se louvável e pertinente.

Criar narrativas gráficas poetiza o dia a dia, ressignificam as atividades diárias, incorporam novos significados e sentidos para a vida.

REFERÊNCIAS

ARFOUILOUX, J. **A entrevista com a criança: a abordagem da criança através do diálogo, do brinquedo e do desenho.** Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

ARNHEIN, R. **Art and visual perception.** Califórnia: University of Califórnia Press, 1984.

AQUINO, D. I. A Família Contemporânea e a Estratégia de Saúde da Família: Uma Revisão Integrativa. **Revista Eletrônica Estácio Saúde.** v. 6, n. 1, 2017.

BORSA, J. C; NUNES, M. L. T. Aspectos psicossociais da parentalidade: o papel de homens e mulheres na família nuclear. **Psicologia Argumento**, v. 29, n. 64, 2017.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano:** experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

COLETO, D. A Importância da Arte para a Formação da Criança. **Revista Conteúdo, Capivari**, v.1, n.3, jan./jul. 2010

DE ANTONI, C.; KOLLER, S. H. A visão de família entre as adolescentes que sofreram violência intrafamiliar. **Estudos de Psicologia.** Natal, v. 5, n. 2, p. 347-381, 2000.

DI LEO, J. **A interpretação do desenho infantil.** Porto alegre: Artes médicas,1991.

EZPELETA, J.; ROCKWELL, E. **Pesquisa Participante.** São Paulo, Editora Cortez, 1989.

GOBBI, M. A. **Lápis vermelho e de mulherzinha:** desenho infantil, relações de gênero e educação infantil. 1997. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 1997.

GOMES, A. J. S; RESENDE, V. R. O Pai Presente: O Desvelar da Paternidade em Uma Família Contemporânea. **Psicologia: Teoria e Pesquisa** v. 20 n. 2, p. 119-125, Mai-Ago 2004.

LOWENFELD, V. **A criança e sua arte.** São Paulo: Mestre Jou, 1977.

MAIO, A. Z. F.; RACHE, R. P. **Pensamento cinestésico.** 2013.

MARCELLI, D; COHEN, D. **Infância e Psicopatologia.** 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MARTINS, M.C. **Aprendiz da Arte, trilhas do sensível olhar pensante.** São Paulo: Espaço Pedagógico, 1992.

RIZZINI, I. **Um estudo sobre a garantia do direito à convivência familiar de crianças e adolescentes com deficiência mental e/ou transtorno mental.** 2011. Tese. (Doutorado). PUC-Rio, 2011.

SARMENTO, M. J.; TREVISAN, Gabriela. A crise social desenhada pelas crianças: imaginação. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 33, n. especial 2, p. 17-34, set. 2017.

SOIFER, R. **Psicodinamismos da família com crianças:** terapia familiar com técnica de jogo. Petrópolis: Vozes, 1982.

STRAUSS, L. **A família:** origem e evolução. Porto Alegre: Villa Martha, 1980.

VYGOTSKY, L. S. **La imagination y el arte en la infancia.** México: Hispánicas, 1987.

XIMENES, L. F; PESCE, R. P. Problemas de saúde mental em crianças: abordagem na atenção básica. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, n. 2, p. 671-672, 2009.

ZAMBERLAN, M.A.T. & BIASOLI-ALVES, Z.M.M. (1996). **Interações familiares:** teoria, pesquisa e subsídios à intervenção. Londrina: Editora da UEL.